Capítulo XVI — Continuação do precedente

Ressuscitada em meados do século XV, a filosofia pagã dá pela segunda vez o espetáculo da sua impotência para descobrir a verdade e da sua onipotência para engendrar o erro. Não é aqui uma acusação banal que repetimos, só por repetir, depois de mil outras; é uma incontestável verdade que não se deve cessar de redizer. O paganismo filosófico nos mata. Sem falar dos erros monstruosos sobre Deus, sobre o homem, sobre o mundo, com que conspurcou a história da Europa há três séculos, o racionalismo atual, o racionalismo dissolvente que ameaça a sociedade com um próximo retorno à barbárie, não é senão a sua última palavra.

Com efeito, rejeitada a tradição católica como um entrave e posta em axioma a infalibilidade da razão, como evitar que o racionalismo, em todas as suas formidáveis aplicações à religião, à sociedade, à família, à propriedade, se torne artigo de fé, se a filosofia tiver o capricho de proclamá-lo? Ora, vimo-lo, a suficiência absoluta da razão foi realmente, embora tacitamente, estabelecida em princípio desde o primeiro dia da Renascença. Todas as investigações filosóficas se fizeram sob a sua influência oculta. Logo a máscara foi lançada fora e, por Lutero, a razão proclamada soberana em matéria de religião. Descartes estendeu o seu império e formulou nitidamente a universalidade dos seus direitos.[1]

Ouçamos os seus admiradores e fiéis órgãos:

> *Espírito independente, inovador audaz, gênio de singular poder, Descartes gostava demais de fazer ele mesmo as suas ideias, de confiar-se ao seu sentimento íntimo, para não reconhecer a autoridade da razão individual e o direito que ela tem de examinar e julgar toda espécie de doutrina. É a glória de Descartes ter proclamado e praticado esses princípios, e ser o autor dessa reforma intelectual que deu fruto no século XVII e no XVIII e que, hoje mais que nunca, exerce a sua influência no mundo filosófico. Hoje, com efeito, graças a Descartes, somos todos protestantes em filosofia; como somos, graças a Lutero, todos filósofos em religião... Só queremos crer na evidência da verdade.*[2]

Vejamos agora à obra a filosofia tornada de novo pagã: com Platão professa o espiritualismo puro, e não tarda a cair com Espinosa no panteísmo idealista. Na escola de Aristóteles apaixona-se pelo empirismo: e Bacon de Verulam ensina que a matéria é a causa das causas, ela mesma sem causa; Locke acha na sensação a única fonte das ideias; Condillac inventa o homem estátua; Maillet chega ao homem carpa, e o barão d'Holbach, resumindo no famoso *Sistema da natureza* o

princípio e as consequências dessa escola, nos dá, como manual da razão e da conduta, o monstruoso conjunto de todos os absurdos e de todas as torpezas do materialismo e do ateísmo, tanto antigo como moderno. Hobbes, Hartley, Barclay, Priestley, Helvétius, La Mettrie, todos os vultos filosóficos da Inglaterra, da França e da Europa aplaudiram a coragem do confrade que dizia em voz alta o que eles pensavam em voz baixa. A própria sociedade, tornada incrédula e materialista na escola dos modernos pagãos, respondeu em coro como a sociedade antiga nutrida das mesmas doutrinas: A verdade é uma quimera; o prazer é a única lei, o único dever.

Os antigos sofistas haviam aberto o caminho aos bárbaros; os seus modernos discípulos entregaram a sociedade aos demolidores de 93: O pensamento dos sábios preparara a revolução, o braço do povo a executou. Tão exaltada há três séculos, ensinada com tanto cuidado à juventude, explicada com tanta fadiga pelas cabeças fortes da Europa, a filosofia pagã estava doravante julgada. Mas, cumpre dizê-lo, apesar dessa espantosa experiência, a razão humana não ficou curada. O seu divórcio com a fé, o amor apaixonado da sua pretensa emancipação haviam deixado subsistir nela o germe do mal.

Sobre os escombros ainda fumegantes da ordem social, veio ostentar as mesmas pretensões à direção intelectual do gênero humano. Aqui ainda, como na antiguidade, a sua última palavra foi a dúvida universal e o epicurismo. Cabanis ousou dizer a essa sociedade coberta de sangue e de imundícies:

> *Os nervos são o princípio do pensamento, a causa da ideia; o efeito é necessariamente da mesma natureza que a causa; logo o pensamento, logo a ideia é material; logo o homem não é mais que uma máquina, sem outra diferença entre ele e o seu cão que a grandeza do ângulo facial.*

Sistema abjeto ao qual Destutt de Tracy emprestou o socorro da sua árida ideologia. Se Cabanis foi o fisiologista e Destutt de Tracy o metafísico do materialismo no século XIX, Volney foi o seu moralista.

> *Conservar-se e, para isso, tudo tentar e tudo fazer: eis, segundo Volney, a grande lei da natureza humana. Desde então, que é o bem? Que é o mal? A resposta é fácil: O bem é tudo o que tende a conservar, a aperfeiçoar o homem, isto é, o organismo; o mal, tudo o que tende a deteriorá-lo e destruí-lo. O maior bem é a vida, o maior mal é a morte: nada acima da felicidade física, nada pior que o sofrimento do corpo: o bem supremo é a saúde.*[3]

Caridade, dedicação, fé, esperança, sacrifício do interesse pessoal ao bem público são as virtudes dos tolos em proveito dos velhacos. O assassínio é um dever, todas as vezes que é útil. Eu, isto é, o meu corpo, e depois nada: eis toda a religião; só os imbecis podem ter outra. Tal é a filosofia de Volney. Ora, quando se pensa que semelhantes máximas foram espalhadas durante quinze anos

com espantosa profusão, quando se pensa que penetraram em todas as classes da sociedade, que as graças e a simplicidade do estilo fizeram do catecismo de Volney o livro dos salões e das choupanas: deve-se espantar do caráter profundamente epicurista da nossa época?

Nesse sistema, evidentemente Deus não é nada, a alma não é nada: tudo é matéria. Contudo a nossa filosofia pagã empreendeu uma reação espiritualista contra o moderno Epicuro, como o fizera outrora contra o antigo. Os Srs. Royer-Collard, Cousin, Jouffroy, o *Globe*, deram-se a missão de restaurar o espiritualismo. Mas, privada de base e de bússola, a sua filosofia caiu no panteísmo e no ecletismo, sem destronar o sensualismo de Volney. O panteísmo está por extenso nas obras do Sr. Cousin. Quanto ao ecletismo, não é outra coisa, sob nome diferente, que o ceticismo e o racionalismo absoluto. Um dos seus mais fervorosos apóstolos, Jouffroy, morreu nas angústias de uma dúvida pavorosa. Todas as gerações atuais que dele se nutrem são profundamente incrédulas: eis quanto ao ceticismo. Que o ecletismo seja também o racionalismo na sua mais alta potência, eis a prova.

O pensamento altamente confessado, claramente ensinado pelos seus órgãos, é que a verdade completa, a verdade tal como deve ser conhecida para satisfazer a todas as necessidades da razão, ainda está por achar: nenhum sistema filosófico, nenhuma religião, nem mesmo o cristianismo, é a sua expressão adequada. Daí, para eles, a necessidade de uma pesquisa universal em todos os sistemas e em todas as religiões, a fim de tomar o que é verdadeiro e, de todas essas verdades esparsas, formar um símbolo completo. Mas qual será a sua pedra de toque para distinguir a verdade do erro? A razão de cada indivíduo, ou de um só indivíduo, reconhecido como mestre infalível? Num e noutro caso, deificais a razão e criais o mais vasto racionalismo que jamais se viu. Eles o admitem:

> *pois, dizem, é à razão individual que pertence o direito de examinar e julgar toda espécie de doutrina.*[4]

Ao menos sabem que doutrinas novas substituirão às antigas? Ainda não, procuram-nas. A sua resposta merece ser conhecida:

> *Essas doutrinas que devem presidir à nossa vida moral, religiosa, política, literária, cabe-nos fazê-las, pois os nossos pais só nos legaram estéreis e gastas... É preciso, pois, forjar novas. Essa necessidade da nossa época é compreendida, ou antes sentida, por todos os espíritos.*[5]

Vê-se: jamais o racionalismo ostentou pretensões mais altivas; jamais a razão, emancipada da tutela da fé pela filosofia pagã, mostrou-se mais estupidamente orgulhosa; jamais o mundo esteve mais perto de novas e espantosas catástrofes, inevitáveis castigos da revolta levada até a imitação de Satanás. O que há de mais assustador, o que mostra a que profundidade o paganismo filosófico entrou nos espíritos, é que os sábios do século subscrevem sem cerimônia essas pretensões

altivas. Chamam à razão uma revelação permanente de Deus, de que não se devem sacrificar os direitos a nenhum respeito.[6] Julgam mostrar-se muito generosos e bem merecer dos católicos permitindo à religião tratar de igual para igual com a razão, partilhar com ela o império do homem, dando a uma a soberania do espírito, à outra a direção do coração.

> *A religião e a filosofia são duas irmãs imortais, que não podem perecer. A religião e a filosofia nasceram no mesmo dia, o dia em que Deus pôs a religião no coração do homem e a filosofia no seu espírito; é preciso que vivam juntas, imortais, lado a lado, que não se separem e que, nos tempos de provação, procurem aproximar-se em vez de destruir-se.*[7]

Mas já os lógicos do paganismo negam essa pretensa igualdade da religião e da razão; dizem cruamente que a religião não é senão um princípio de obscurantismo e de corrupção, que só a razão é soberana.

> *Provarei, escrevia há pouco um discípulo do Sr. Cousin,*[8] *que o catecismo embrutece a infância, provarei em seguida que a corrompe... era preciso que a razão se estabelecesse enfim soberana no seu domínio. Isso acontece no século XVII; Descartes proclama a libertação definitiva do pensamento e, no respeito que ainda exprime pela Igreja e pela teologia, é fácil discernir um pouco de ironia e muita prudência... Será preciso lembrar aqui Voltaire e Rousseau; será preciso acrescentar que as suas doutrinas, inspiradas pelo espírito do século, se apoderaram da sociedade francesa com bastante força para realizar-se, de algum modo, na ordem dos fatos políticos, substituindo-se com violência ao espírito do passado pela grande revolução de 89? Assim a razão, que ainda era apenas liberta, é doravante soberana. Chegou a sua vez de organizar a sociedade e de governar o Estado. Divinizadas até pelo povo, a razão e a liberdade substituem os deuses decaídos do cristianismo nos altares de onde as paixões populares precipitaram estes. A Convenção decreta, em nome da razão, a existência do ser supremo; já não há outro culto, outra religião senão a religião da razão e o culto da liberdade. Eis a história.*

Sim, eis a história da filosofia moderna sob a influência do paganismo clássico, não somente na França, mas em toda a Europa.

Eu poderia ter mostrado essa filosofia gerando por toda parte, e sobretudo na Alemanha, os mesmos erros, preparando os mesmos crimes, trazendo as mesmas calamidades que na França.[9] Bastará dizer que ali chegou não somente ao pleno paganismo, mas até essas regiões vizinhas do inferno em que a razão, profundamente pervertida, só sabe blasfemar contra Deus e invocar o nada. Para justificar a nossa asserção, permita-se-nos citar as opiniões atuais dos seus representantes mais acreditados, com a apreciação dos seus discípulos.

> *Há quatro coisas, dizia Goethe, que detesto igualmente: o tabaco e os sinos, os percevejos e o cristianismo.*

Essa espantosa blasfêmia é, segundo a *Liberdade de pensar*, a expressão mais ingênua da repugnância invencível que o Júpiter Olímpico dos tempos modernos sentia pela estética cristã. É por instinto que Goethe odiava a revolução moral que substituiu a Vênus antiga pela Virgem pálida e doentia, e a perfeição ideal do corpo humano representada pelos deuses da Grécia pela magra imagem de um crucificado esticado por quatro cravos. Já não nos surpreende, depois disso, vê-lo pôr diante do seu leito, exposta ao sol nascente, a cabeça colossal de Júpiter, para poder dirigir-lhe, ao despertar, a sua oração da manhã. Inacessível ao temor e às lágrimas, Júpiter era verdadeiramente o deus desse grande homem.

> *Hegel não se pronunciou menos decididamente pela superioridade do ideal religioso dos helenos e contra a intrusão dos elementos sírios ou galileus. A lenda de Cristo lhe parece concebida no mesmo sistema que a biografia alexandrina de Pitágoras; passa-se no domínio da realidade mais vulgar, e de modo algum num mundo poético; é uma mistura de simplicidade mesquinha, de quimeras pálidas, como se encontram em gente fantasiosa que não tem uma bela e forte imaginação. O Antigo e o Novo Testamento não têm, a seus olhos, nenhum valor estético.*

> *É a mesma tese que tantas vezes excitou a verve espirituosa e a fantasia humorística de Henri Heine; mas o Sr. Ludwig Feuerbach, chefe da jovem escola alemã, é talvez a expressão mais completa e mais desenvolvida dessa antipatia contra o cristianismo, e, se o século XIX devesse ver o fim do mundo, seria certamente a ele que se deveria chamar Anticristo.*

Pouco falta para que defina o cristianismo uma perversão da natureza humana...

> *Só ignorantes ou espíritos superficiais podem dirigir à antiguidade a censura de materialismo. A antiguidade representa a natureza e o finito; falseados como estamos pelas nossas ideias sobrenaturalistas e pela nossa sede de infinito, essa arte tão delimitada, essa moral tão simples, esse sistema de vida tão bem detido de todos os lados parecem-nos um realismo tacanho. Castor e Pólux, Diana e Minerva são para nós frios e sem ideal, porque representam a natureza sã e normal. Mas o espiritualismo cristão é, no fundo, muito mais material... Todas as ideias falsas que há no mundo em matéria de moral e de estética*

> *vieram do cristianismo. A Grécia, com um tato divino, apreendera em tudo a perfeita medida, fugitiva e inapreensível nuança que se entrevê por instinto, mas em que não se pode manter...*

> *"Não é só o sobrenaturalismo que cai sob a crítica da nova escola alemã: o Sr. Feuerbach e todos os filósofos dessa escola reconhecem sem hesitar que o teísmo, a religião natural, todo racionalismo que admite algo de transcendente, deve ser posto no mesmo pé que o sobrenaturalismo. Crer em Deus e na imortalidade da alma é a seus olhos tão supersticioso quanto crer na Trindade e nos milagres. A crítica do céu não é mais que a crítica da terra; a teologia torna-se antropologia. "A ciência que um homem tem do seu Deus não é senão outro nome para designar a ciência que tem de si mesmo, a consciência que tem do seu eu." Toda consideração do mundo superior, todo olhar lançado pelo homem para além de si mesmo e do real, todo sentimento religioso, sob qualquer forma que se manifeste, não passa de uma ilusão.[10]*

Para coroar esse espantoso sistema de impiedade, Feuerbach termina a sua *Tanatologia* declarando que prefere mergulhar no nada a encontrar, na esfera das sombras, Sócrates, santo Agostinho e tantos outros heróis. Depois, como conclusão final de toda a sua filosofia, convida os seus adeptos a adorar a morte!

Seria fácil multiplicar as citações. As que precedem são mais que suficientes para mostrar os excessos inauditos, a influência desastrosa e sempre atual do paganismo filosófico, bem como a indispensável necessidade de voltar sem demora à filosofia cristã, se queremos prevenir um novo e talvez derradeiro cataclismo.

Notas

[1] Roma condenou a lógica de Descartes em 1643. O próprio protestantismo a anatematizou no sínodo de Dordrecht em 1656, tanto a dúvida cartesiana ameaçava o pouco de crença que restava na Reforma!

[2] *Globe*, n.º 447.

[3] *Hist. de la philosoph. au dix-neuvième siècle* [História da filosofia no século XIX], t. II, p. 149.

[4] *Globe*, n.º 447.

[5] *Ib.*, n.º 36.

[6] Discurso do Sr. de Lamartine, novembro de 1843.

[7] Sr. Thiers, *Discours sur l'instr. publiq.* [Discurso sobre a instrução pública], 18 de janeiro de 1850.

[8] Sr. Jacques, na *Liberté de penser*.

[9] Pode-se consultar *L'État de la phil. moderne en Allemagne* [O estado da filosofia moderna na Alemanha], por Moeller.

[10] *Liberté de penser*, 20 de novembro de 1850.

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:35 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:35 by Admin